

FH prevê redução dos juros para 17% até fim de 1999

Aliados do presidente e empresários cobram do Governo recém-empossado ação rápida para a queda das taxas neste ano

Ailton de Freitas

Adriana Vasconcelos e
Cristiane Jungblut

BRASÍLIA. Minutos depois de ter empossado sua nova equipe ministerial, em meio a um coquetel oferecido aos convidados que assistiram à cerimônia no Palácio do Planalto, o presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou que espera chegar ao fim de 1999 com uma taxa de juros em torno de 17% ao ano. Fernando Henrique disse estar convencido de que o segundo semestre deste ano será melhor que o primeiro, apostando na recuperação da economia brasileira. Bem humorado, ele chegou a afirmar que, se dependesse dele, os juros cairiam para 15%.

A afirmação atende em cheio às reivindicações do empresariado nacional manifestadas ontem de novo pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Laffer Piva. Se os juros não caírem até o fim do ano até cerca de 16% a 17% ao ano e se as previsões de retração para o Produto Interno Bruto (PIB) e na indústria forem confirmadas, o problema do desemprego se agravará, acredita Piva.

O presidente da Fiesp está querendo uma taxa de 17% no final de 1999? Ele é um pessimista. Eu quero 15%. Mas, falando sério, essa reivindicação é viável. Todo nosso esforço é nessa direção. É o que o Governo deseja. Estou afinado com ele nesta matéria — afirmou Fernando Henrique, acrescentando:

— Não tenho dúvidas de que o segundo semestre do ano será melhor. Sou um otimista.

Antônio Carlos Magalhães se encontrou com ministro Malan

Ao lado de Fernando Henrique, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), aplaudiu a proposta de redução das taxas de juros.

— Se for para o final de 1999, acho que a meta poderá mesmo ser alcançada. O Congresso está consciente de que tem de dar o ajuste fiscal ao país — observou Antônio Carlos, que conversou longamente com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, antes da cerimônia de posse.

A aprovação do ajuste fiscal e a redução das taxas de juros foram apontadas como as prioridades da nova equipe ministerial. O ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, deverá estar à frente das articulações políticas no Congresso para facilitar a tramitação das medidas do programa de estabilização fiscal, que inclui o aumento da alíquota da CPMF. O novo Ministério também estará empenhado em garantir a queda dos juros rapidamente.

— O presidente deixou clara em seu discurso a necessidade de uma ação articulada entre o

Governo e o Congresso para se aprovar o ajuste fiscal. Este é o caminho mais rápido para vencer as dificuldades econômica e garantirmos a redução mais rápida das taxas de juros — ressaltou o novo ministro da Defesa, Elcio Alvares.

O ministro do Trabalho e Emprego, Francisco Dornelles, lembrou, no entanto, que a queda mais rápida dos juros depende da redução do déficit fiscal e da aprovação das reformas. O governador reeleito do Ceará, o tucano Tasso Jereissati, um dos principais aliados de Fernando Henrique, fez coro ontem às cobranças de redução dos juros. Na sua opinião, a redução das taxas ainda está muito lenta.

— Existe uma grande expectativa em relação à aprovação do ajuste fiscal e à redução das taxas de juros numa velocidade maior, pois só desta forma conseguiremos garantir a retomada do crescimento econômico e superar mais rapidamente a crise financeira internacional — destacou o governador cearense.

O presidente da Fiesp disse que o Governo tem de ser mais ágil na política de redução de juros. Ele considera que essas taxas já poderiam cair para 22% nos próximos 40 dias, para, em dezembro, estarem entre 16% e 17%. O desafio do Governo é retomar o crescimento com justiça social. Neste ritmo, ele não descarta a desvalorização cambial.

— Se terminar o ano em 16% ou 17% já será muito alta. Uma redução imediata para 22%, nos próximos 30 ou 40 dias, e depois uma redução gradativa no longo do tempo. Isso dependerá do grau do risco percebido lá fora e da expectativa da desvalorização cambial. Se é que isso vai ocorrer — disse Piva.

FH pode demitir ministro cuja bancada não colaborar

O empresário cobrou ainda a aprovação da reforma tributária. Na sua opinião, o novo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio terá força suficiente para coordenar as ações de retomada do crescimento e de ser um instrumento importante de diálogo do Governo com o empresariado nacional.

— Hoje estamos perdidos e sem interlocutor legítimo.

Fernando Henrique reiterou ontem, diante de Antônio Carlos, sua disposição de demitir ministros indicados por partidos de sua base aliada, caso as suas respectivas bancadas no Congresso não colaborem na aprovação do ajuste fiscal. Em conversa com jornalistas, Fernando Henrique disse brincando que a imprensa pode continuar publicando a ameaça.

— Isso é bom. Porque é isso mesmo que pretendo — brincou Fernando Henrique. ■



FERNANDO HENRIQUE Cardoso, no parlatório, acena para a multidão: o presidente disse não duvidar de que o segundo semestre será melhor que o primeiro